

EXCLUSIVO CORONAVÍRUS

Covid-19. Por que motivo se fala mais em distanciamento social do que físico? É uma “opção política que cumpre uma função”

10.08.2020 às 20h02



Inicialmente aconselhado pela Organização Mundial de Saúde e incorporado pelos governos dos vários países, o distanciamento social foi rapidamente replicado e entrou no léxico e na prática globais. Mas a distância social tem uma carga maior do que, por exemplo, a distância física. A opção pelo ‘social’ foi um equívoco ou uma decisão consciente? E após os primeiros meses de pandemia, ainda faz sentido insistir no ‘social’ quando se fala de distanciamento?



HÉLDER GOMES



JORGE MANTILLA/NURPHOTO/GETTY IMAGES

“ **A** ideia de distanciamento social é uma forma de reforçar que há uma mudança de paradigma em termos de interação entre os indivíduos”, analisa ao Expresso o sociólogo Nuno Dias, do DINÂMIA’CET-IUL – Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território. “A noção de novo normal, que rapidamente se disseminou, equivale a uma nova norma e o processo de mudança de comportamentos nem é homogéneo nem acontece sem resistência”, acrescenta. Numa fase de “maior incerteza relativamente às dinâmicas de transmissão do vírus”, sublinha, “o novo normal implicaria uma reaprendizagem do que é expectável de interação social”.

O sociólogo não tem uma resposta definitiva quanto à utilização do ‘social’ em vez do ‘físico’ para caracterizar o distanciamento. “Não tenho a certeza de que seja um equívoco. No início, houve uma necessidade política de quebrar um impulso natural de sociabilidade, o impulso de nos relacionarmos uns com os outros.” Daí que em certos países, incluindo Portugal, e nalgumas localidades e circunstâncias tenha sido tão fácil mandar as pessoas para casa

num primeiro momento. “O medo é uma ferramenta central para criar esse bloqueio interior, a internalização de uma nova regra comportamental.”

Mas a insistência na retórica do distanciamento social não pode ter efeitos nefastos na sociedade? “Sim, pode ser danosa. Não consigo determinar a necessidade desse reforço linguístico. Não sei se era um imperativo ou se era, de facto, necessária a ideia de distanciamento social enquanto princípio organizador das relações entre indivíduos, em vez de um descritivo mais neutro como o distanciamento físico.” Nuno Dias acaba por apoiar mais a tese da “opção política que cumpre uma função”. E, mais uma vez, com o medo em fundo. Quanto aos efeitos propriamente ditos dessa opção, estes “têm vindo a revelar-se progressivamente” – isto é, podem não ser totalmente perceptíveis no imediato.

O que já se pode ir percebendo é “o reflexo dessa noção de distanciamento social no modo como se olha para outros indicadores”. “Os indicadores de distribuição espacial da disseminação do vírus mostram que este tem um comportamento que não está igualmente distribuído. E há aqui uma lógica de classe muito forte subjacente aos mecanismos de defesa. O vírus tem servido para agudizar um conjunto de desigualdades e de vulnerabilidades preexistentes”, alerta, exemplificando com “a densidade habitacional, a dependência de transportes públicos, a impossibilidade de a pessoa estar confinada, de se proteger ou recorrer a expedientes como o teletrabalho”. “Para estas populações que têm uma posição particular no mercado de trabalho, o novo normal é o velho normal, em que se mantêm algumas lógicas e fragilidades sociais. Não só se mantêm como são amplificadas”, diz Nuno Dias.

A psicóloga e psicoterapeuta Ana Moniz não tem dúvidas de que, num primeiro momento, “o que todos fizeram foi apelar ao medo, o que faz sentido até certo ponto”. “No início, até fez sentido chocar para as pessoas mudarem os comportamentos”, admite ao Expresso. Contudo, a insistência no medo “leva-nos a uma situação que traz muitas consequências negativas”, adverte. “O medo não convida muito à empatia nem a pensar muito nos outros. Toda a gente parece muito preocupada só com a sua sobrevivência”, avalia, assinalando “dois extremos”: “os negacionistas” e

“os alarmistas”. “É muito mais fácil e confortável estar de um lado ou do outro do que estar na ambiguidade.”

Para Ana Moniz, a “subtileza de linguagem” na distinção entre distanciamento social e físico é “importante para chamar a atenção para os efeitos negativos do distanciamento social, de as pessoas ficarem isoladas ou despojadas”. O resto passa muito pela avaliação de risco. “A minha avaliação de risco depende do que está em jogo. Se o meu rendimento está garantido, se tenho o ordenado fixo, quer saia ou fique em casa, avalio o risco como muito mais alto. É fácil para quem não tem muito a perder”, aponta. “Noto isso nos meus pacientes e nas outras pessoas: estão todos muito focados na sua situação e em controlar os outros.”



JORGE MANTILLA/NURPHOTO/GETTY IMAGES

“Com o medo, não há nada mais fácil do que tentar controlar os outros, muito mais do que ter alguma noção própria do que eu ando a fazer. Chegamos ao final do dia e todos corremos algum risco. Se calhar se víssemos outra pessoa a fazer igual, não gostávamos tanto”, distingue a psicóloga. Persiste a prática

de “instigar o medo”, uma prática em que a comunicação social também incorre ao pautar-se “muito pelo mau exemplo”. Mostra-se “a praia apinhada de gente” em vez de se optar mais por um “foco pedagógico”, que passaria por “entrevistar pessoas na praia que estão espaçadas e perguntar-lhes que cuidados têm”. Andam todos “muito à procura do culpado e do erro”, critica.

A psicóloga refere igualmente “as perguntas infantilizantes de muita comunicação social, perguntas que esperam respostas definitivas e impossíveis de dar se seguirmos o método científico”. Não há aqui “tanto uma intenção de semear o pânico”, tem mais que ver “com uma postura, uma maneira nossa de estar que é procurar ter certezas absolutas acerca de tudo”. Há “uma cultura de desresponsabilização” em que a sociedade pretende que os especialistas validem as opções que toma. “O que um cientista mostra é como as coisas estão agora. Vivemos numa noção um bocado infantil do risco, como se o risco não existisse, e agora também queremos ir para aí mas agora é impossível”, lembra.

“O MEDO E A PERCEÇÃO DE RISCO ESTÃO DESIGUALMENTE DISTRIBUÍDOS”

“Os novos riscos são globais mas não afetam igualmente os diferentes grupos sociais e isso faz com que o medo e a perceção de risco estejam desigualmente distribuídos”, salienta, por sua vez, o sociólogo Nuno Dias. Ainda assim, “o medo é um instrumento que está sujeito a utilizações contraditórias: por um lado, reforça-se o discurso sobre a prudência e a continuidade das medidas de distanciamento, de uso de máscara, etc., por outro, destaca-se a importância da retoma da atividade económica e da sobrevivência do turismo”. Estas “estratégias de gestão que parecem apontar em sentido contrário” colocam a sociedade numa “encruzilhada que não é clara”, provocando “ansiedade e angústia” perante “um agente externo, relativamente abstrato, mas que já faz parte dos cálculos que fazemos”, indica. O sociólogo deteta uma certa “diluição do medo”, “uma mudança desde aqueles primeiros meses”. “As pessoas saem mais e questionam. Há uma resistência, uma posição que pode ser de desafio e de incumprimento. O conhecimento científico banaliza-se e a rua volta a ser um espaço de disputa, resistência e liberdade individual”, acrescenta.

Ana Moniz levanta a hipótese de “algumas pessoas ganharem uma maior responsabilização e perceberem que o risco faz parte da vida e que é preciso ir gerindo”. A psicóloga lança o desafio de “um órgão de comunicação social mostrar os números de mortos por dia por outras causas”, como acidentes de viação, cancro e demais ocorrências. Se essa estratégia fosse seguida “durante algum tempo”, sugere, “então conseguíamos ter uma noção mais real dos riscos e perceber que todos os dias se morre e não é só de covid-19 e que há outros riscos que continuam a existir”.



Chegou o Apple Pay

Relacionados



Covid-19 em direto: mais três mortos, 157 novos casos e 89 recuperados em Portugal



O boletim da DGS à lupa: há 29 doentes nos cuidados intensivos, o número mais baixo desde 20 de março



Viajar de avião pode ser tão seguro “como estar num restaurante com todas as portas e janelas abertas”

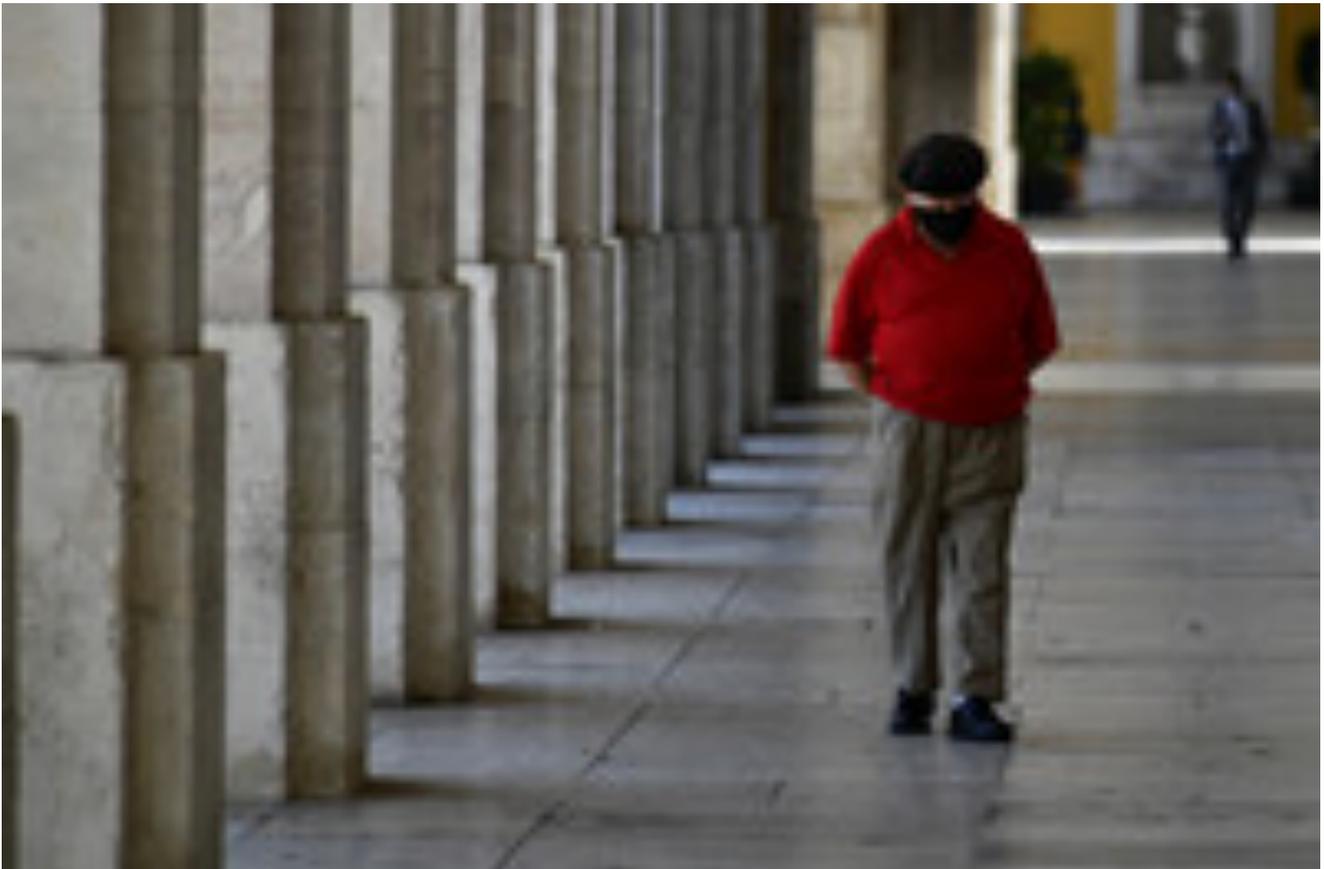


Covid-19: três quartos dos portugueses evitam espaços públicos e quase metade cancelou férias, indica inquérito da Deco



Covid-19. Mais de 80% dos portugueses deixaram de andar de autocarro ou diminuíram utilização, indica barómetro

Mais conteúdos Exclusivos



E Covid-19. Por que motivo se fala mais em distanciamento social do que físico? É uma “opção política que cumpre uma função”

20h02 HÉLDER GOMES



E PCP arrasa críticas de Marques Mendes sobre “Avante!”. Governo diz que a DGS não toma “decisões políticas”

17h58 LILIANA COELHO



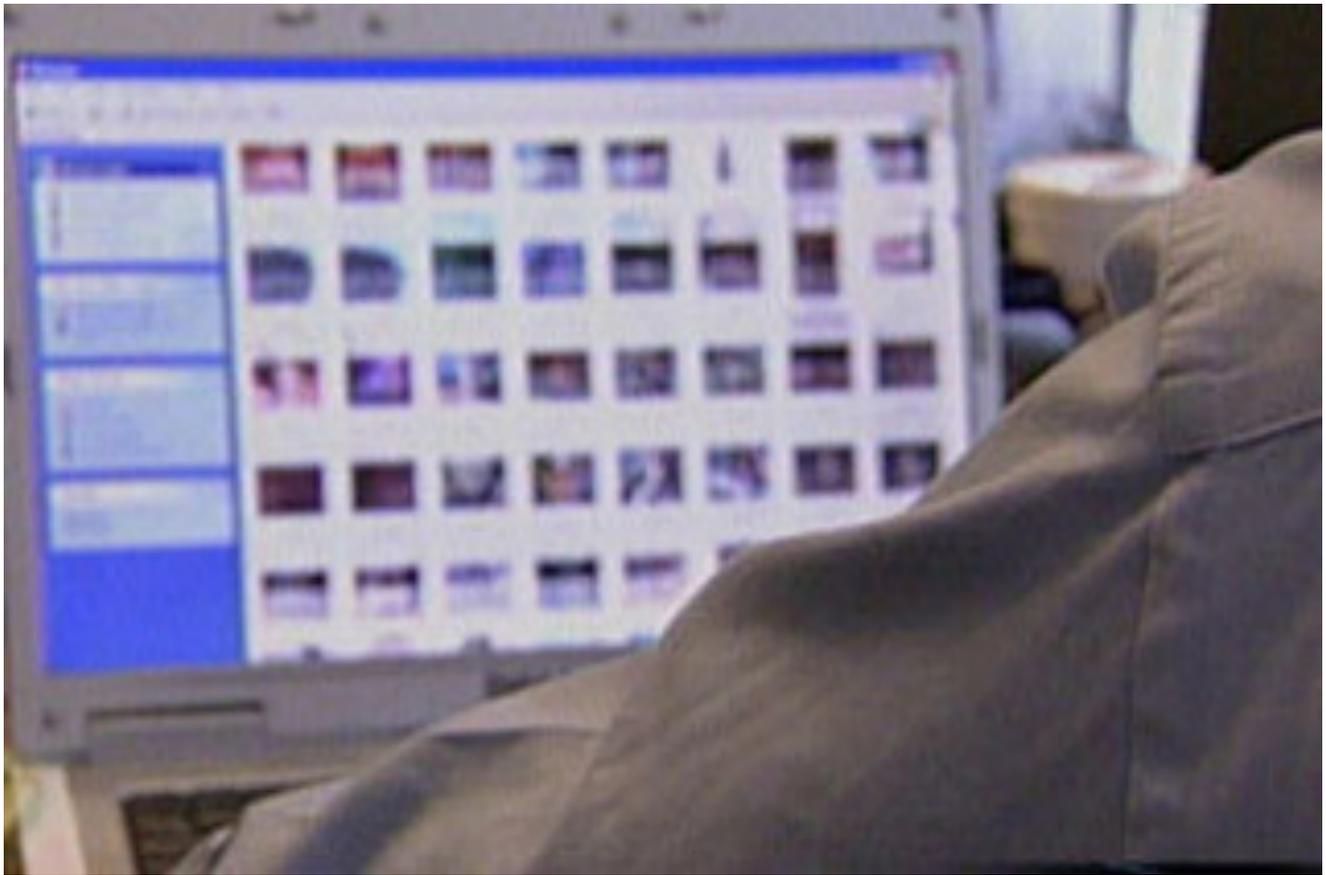
E 10 notícias que marcaram o dia

17h57 EXPRESSO



E Cinco factos que mostram como a agricultura portuguesa está a mudar

17h15 MARGARIDA CARDOSO



E Pornografia infantil será bloqueada na internet a partir de setembro

15h43 HUGO SÉNECA



E Principais empresas de media perdem €50 milhões em receitas. Media Capital é a mais afetada

14h20 DIOGO CAVALEIRO



E Rui Pinto no programa de proteção de testemunhas porque corre “perigo de vida”

12h24 HUGO FRANCO E RUI GUSTAVO



E Avante!: dez razões para a festa avançar

11h53 HENRIQUE RAPOSO



E A vida estava “quase de volta ao normal” quando a 2.^a vaga de covid chegou à Austrália: um relato e uma possível explicação

11h39 POR ANA MELLO



E Vamos sequestrar os velhos por quanto tempo?

09h26 LUÍS AGUIAR-CONRARIA



E Presidente da Sociedade de Medicina Interna: “Vários doentes não covid chegaram tarde demais”

09.08.2020 JOANA ASCENSÃO



E Paul Collier: “O capitalismo está eticamente nu e será destruído se não mudar”

09.08.2020 SÓNIA M. LOURENÇO

MAIS ARTIGOS